

# LEMBREI-ME DE TI

António de Campos



CROUGA Edições

Lembrei-me de Ti

Título: Lembrei-me de Ti  
Autor: António de Campos  
Copyright: © 2013 António de Campos  
Primeira Edição: outubro de 2013  
ISBN 978-972-96883-9-3

Todos os direitos reservados.

CROUGA Edições  
[www.antoniodecampos.eu/crouga.htm](http://www.antoniodecampos.eu/crouga.htm)

António de Campos

# Lembrei-me de Ti

CROUGA Edições

# ÍNDICE

Capítulo 1 - Sherry .....	8
Capítulo 2 - Gardentown .....	23
Capítulo 3 - Memtra .....	27
Capítulo 4 - Serafina .....	30
Capítulo 5 - A Troca .....	36
Capítulo 6 - Mónica e Rui .....	44
Capítulo 7 - Serafina Desconfia .....	57
Capítulo 8 - Linda .....	60
Capítulo 9 - Matilde .....	65
Capítulo 10 - Deangela Aonde Estás? .....	71
Capítulo 11 - Fefa .....	72
Capítulo 12 - Deangela .....	77
Capítulo 13 - Viagem a Lalw .....	81
Capítulo 14 - Iolanda .....	92
Capítulo 15 - Os Mongres .....	106
Capítulo 16 - Carolina .....	110
Capítulo 17 - A Visita da Mónica .....	113
Capítulo 18 - Adélia .....	117
Capítulo 19 - Adélia Lembra-se .....	129
Capítulo 20 - Ilda .....	134
Capítulo 21 - Maureen .....	139
Capítulo 22 - Esmeralda .....	145
Capítulo 23 - Serafina Desconfia Ainda Mais .....	153
Capítulo 24 - Maureen Lembra-se .....	154
Capítulo 25 - Luana .....	158
Capítulo 26 - Velhos Amigos .....	165
Capítulo 27 - Um Jantar Romântico .....	171
Capítulo 28 - Qual Passado? .....	175
Capítulo 29 - Visitas .....	177
Capítulo 30 - Pensamento de Serafina .....	181
Capítulo 31 - Mónica .....	183

Excertos do Dicionário Enciclopédico Galáctico .....	190
dos Humanos em 2739	
Referência .....	237

*se eu pudesse voltar ao passado,  
sabendo o que sei hoje*

# 1 - Sherry

De quanto vi, quanto passei, quanto perdi,  
relembro os prados e gerânios flores que não conheço  
raros têm sido os dias os momentos  
de plena posse e o vento era macio  
recordas como as pernas se sumiam  
noutras areias de que o sol mas não recordes  
quanto vi, quanto passei, quanto perdi,  
ah flores que não conheço.

— **Jorge de Sena** (1919-1978), *A Sesta no Jardim*, versos 1-8.

Gardentown. Se a morada estiver certa... Se o loc funcionar... Se a Sherry estiver a dormir, o memtrax poderá... Econtrei-te! E, estás a dormir! Agora vamos ver se o memtrax faz o que dizem que faz.

Primeiro, vamos recuar no tempo, quando tu tinhas 18 e eu 20 anos terrestres, e não os 39 que tenho. Nós namorávamos, mais ou menos. Eu andava fixado pela Ilda, que nunca me aceitou. Mas, foi o suficiente para influenciar os outros relacionamentos que tive na minha juventude, como contigo, Sherry. Não te quis magoar, e acabei por manter a relação, algo... limitada. Nunca fizemos amor. Nunca te dei o amor, que hoje o dava sem negociar nada, sem contemplar o quer que seja. E, tu acabaste por ficar frustrada, magoada e furiosa comigo. Pois no meu estilo, especialmente quando jovem, acabei por me afastar, desaparecer, sem nunca explicar porquê, sem nunca te dizer adeus. Gostaria de alterar esse passado, essa tua memória de mim. Gostaria de pelo menos



construir uma doce memória entre nós. Pelo menos, alterar a memória de uma noite do passado.

Deixa-me ver se consigo localizar a tua memória, as nossas memórias, daquela bela noite de verão, quando quase...

Cá estou eu, a chegar à casa da Sherry, no meu primeiro carstel. Acabaram-se os tempos de andar de carbik. Agora já não necessito de pedalar, embora com amplificador de pedal, juntamente com a energia estelar. Agora, com o meu carstel, para além da energia estelar, tenho potência elétrica.

É um carstel em segunda mão, e já com alguns anos de uso, o meu Apollo 9.2, mas é muito parecido do clássico Ignis (o carstel do final dos anos noventa, tal como o meu Apolo, já sem produção, e cobijado por toda a juventude, especilamente a masculina, para o objetivo óbvio de encantar o sexo oposto, ficando a dúvida se realmente encanta).

Bom, deixo o meu carstel estacionado aqui na rua, e vou buscar a Sherry. A sua voluptuosidade algo mediterrânica reflete um pouco a sua origem judaica. Pouco virada para a sua religião ou origem, típico aqui dos amerlandeses. Ela e os pais já só falam inglês. E, ela, é a doçura da juventude, numa primavera antes de se perder. Estatura entre o pequeno e o médio. É algo fechada, calada. Muito calada, para membro do sexo feminino. Penso que ela gosta muito de mim.

Vou tocar a campainha da porta da casa dos pais dela.

— Tomás!

— Sherry, — seguido de um simples beijo nos seus lábios de morango silvestre — estás pronta?

— Deixa-me só desligar a casa.

— Os teus pais não estão?

— Não. Foram passar o fim-de-semana na capital.

— Eu espero, que desligues.

Sozinha em casa, com os pais em Washton!

— Já está.

— Então vamos!

E, lá vamos ver o nosso já habitual filmot. Embora banal por um lado, é sempre uma experiência 4D de descoberta, de estar a viver uma aventura (virtual) dentro de uma produção de ficção.

Como sempre, devemos optar pela versão mais suave, aonde só estaremos afetados pelos aspectos mais básicos. Nada de ser molhado, calor, frio, ou outras experiências dos filmogues (em mega-4D). Acaba por ser envolvência a mais, estímulos a mais. Desconfio que se trata de enredos fracos que necessitam de todos os efeitos especiais para compensar.

Mesmo assim, é verdade que o formato 4D já não tem nada a ver com o primórdio do cinema, em que havia o filme, que era simplesmente projetado num ecrã. Uma vez vi um filme, e achei uma experiência interessante. Menos impacto sensorial, mas... talvez mais... atenção ao, filme. Hei-de ver um filme com a Sherry.

— Sherry, hoje não, mas gostarias de ver um filme, um filmot à moda antiga? Uma simples projeção.

— Pode ser.

— Então, será no próximo fim-de-semana. Embora, falta saber aonde. Penso que na baixa há uma loja que alugam equipamento para ver em casa filmes, à antiga. A única vez que vi um filme, foi em casa dos amigos dos meus pais, e penso que era alugado. Vou ver.

Entretanto, chegamos ao cinema. Vamos aos bilhetes, e vamo-nos sentar nos lugares da nossa cabine a dois, para a ação.

Este filmot é como sempre uma espécie de compromisso entre nós os dois. Como ela nunca reclama da minha primeira escolha, foi este o filmot escolhido. A verdade é que a minha primeira escolha já é a pensar nela, nos gostos dela. Embora, para ser sincero, não tenho bem a certeza, dos

gostos dela. Ela pouco diz. Só sei que uma vez ela não gostou de um filmot, em que havia muita ação lésbica.

Este filmot é uma aventura cómica passada no interior selvagem de Amerlândia por típicos washtónios. Dá para rir, dá para uma rica aventura nessa terra misteriosa e espectacular, e com sorte haverá uma história cativante pelo meio. É assim que alguma crítica o anuncia.

O filmot vai começar, e seguro a Sherry, e ela a mim, como se a nossa segurança estivesse em jogo. Pelo menos, trata-se de uma desculpa para a abraçar, em vários lugares do seu abraçável corpo. Acariciando os seus seios. Ela nunca protesta.

Entretanto, o filmot está a ser um pouco decepcionante. Acontece demasiadas vezes. Se não fosse a Sherry, já tinha de desistir de ver tantos filmotes. A parte cómica é pouco cómica, com muitas partes sérias e enfadonhas. Também pouparam nas cenas de ação e movimento. O enredo está a ser demasiado previsível.

Neste momento os lábios da Sherry são uma opção mais aliciante. Olho para ela; ela ainda absorve o filmot à nossa volta. Mas, basta os meus lábios aproximarem dos seus, que o inevitável encontro de lábios se realiza. Para a seguir as nossas línguas criarem mais magia e prazer que o espectáculo, que teima em prolongar-se à nossa volta.

Por momentos, uma especial ligação entre as nossas essências isola-nos de tudo o resto.

Um estrondo vindo do filmot abana e quebra a nossa comunhão. Voltamos para o filmot, para participar como espectadores presentes no meio da ação. Os meus lábios descansam na lembrança recente da sua atividade. A minha mão não. Ela continua a cariciar o seio da Sherry, agora com sentido mais profundo.

Chegou ao fim o filmot. Melhorou na parte final, mesmo assim, foi fraco.

— Sherry, vamos a uma bucha? — o habitual.

— Sim — e não diz mais nada. Entre a timidez, a frieza ou uma ausência marcada.

— Vamos então a uma nova cadeia de restaurantes 24 horas, que abriu aqui perto. É servida por andróides. Ouviste falar?

— Não.

— Bem, deixa-me ver se me lembro do nome. Ro-qualquer-coisa. Ro... Já sei Robsnack. Não sei se tem futuro, o nome.

Pouco depois e chegamos ao Robsnack.

Saímos do carstel. A Sherry, como sempre, caminha ao meu lado. Mas, não vamos de mão dada. A nossa relação ainda não chegou a tanta proximidade. Ou, talvez seja um sentido de independência da nossa juventude ainda numa fase de experimentar todas as opções de parceiro definitivo, sem querer assumir para já mais.

Entramos, e de frente encontramos uns amigos comuns, algo chatos. Não me apetecia falar com...

— Olá Johnny e companhia! — Este Johnny é mesmo chato. Luosiano descendente, que não fala nada de português. Nascido em Gardentown. Muito frontal, a dizer sempre o que pensa, sem pensar no que diz. Acha que deve sempre criticar os outros, sem considerar as consequências.

— Olha, é o portuga — sempre a tratar-me de uma forma menos simpática. Nunca pelo meu nome.

Para além do Johnny (que desconfio ter sido João em tempos), temos presente a sua mais-ou-menos namorada Ellen, o meu amigo chinoca Han e o Ray.

A Ellen também pouco diz. Ruíva e engraçada, mas ainda pouco madura. O Johnny deve falar com ela sem interrupções. Para ele, a Ellen não lhe deve dar grande pica.

Será uma relação curta, quase de certeza. Até ele se cansar. Foi numa festa da Ellen, que conheci a Sherry.

Dos quatro, o Han acaba por ser o melhor como pessoa. Não insulta. É leal como amigo. Apesar de ser razoavelmente inteligente, às vezes peca por ser ingénuo, facilmente influenciado. O Johnny e o Ray aproveitam-se muito dele.

O Ray é mais complicado. Não é tão frontal como o Johnny, mas também gosta de denegrir o próximo. Outras vezes simula ser um grande amigo, quando lhe convém.

— Fomos ver o filmot, Washtónios no Interior de Amerlândia.

— Ah! Sim! Também já o vi — proclama o Johnny. — Gostei, tinha muita ação.

— Tinha alguma, mas... — concluo. — O enredo era fraco, e...

— És parvo! É um grande filmot! — contrapõe o Johnny. — Tu e as tuas ideias. Sempre o intelectual.

— Sherry, gostaste do filmot? — pergunto eu.

— Eu também gostei muito do filmot — interrompe a Ellen, antes que a Sherry tivesse tempo de me responder. Está claramente a tentar ganhar pontos junto do seu querido Johnny. Parece-me apaixonada por ele, enquanto ele, nem por isso.

— Foi mais ou menos — finalmente responde a Sherry. — Tal como disse o Tomás, havia partes fracas no filmot.

O Han e o Ray nada dizem e pouco interesse mostram no tema, mais interessados em consumirem a sua bucha, uma deliciosa sandes de pastrami. É claro que não é pastrami verdadeiro. Não é carne que comem, mas sim uma papa vegetal, com o visual, o cheiro, a textura, a proteína e com sorte, o sabor do pastrami. Há quem diga que o verdadeiro pastrami é melhor, ou era melhor. Mas, como o consumo de carne já há muito foi substituído pelos vesubes, dificilmente alguém em todo Noro tenha experimentado um verdadeiro

pastrami. A não ser noutra planeta, aonde as restrições alimentares sejam menores. Para mais, será sempre muito mais caro. Um verdadeiro luxo.

— Bom Sherry, que tal uns gelados? — proponho. Pois sandes de pastrami a esta hora da noite não me parece o ideal. A não ser, que a noite deles não tenha fim. O que também é muito possível.

— Pode ser — responde a Sherry.

— Que sabor preferes?

— Não sei.

— Então... pode ser um de nozes amerlandesas?

— Sim.

— Então vou pedir dois gelados iguais.

Chamo por um dos andróides que me dirija a palavra com toda a elegância e paciência. Mesmo que o insultasse (que não tenciono fazer), ele me respondia com a mesma educação mecânica programada na sua matriz. Nada o abala, mesmo uma ameaça de morte. Lendas urbanas falam de andróides que se passaram, especialmente perante uma ameaça mortal. Ninguém confirma, mas a forma quase humana como falam, deixa no ar a suspeita. Quem sabe se...

É agora a vez do Ray de atuar, e pergunta-nos aos dois.

— Meninas, deixai-me interromper a vossa interessantíssima conversa, mas não quereis ir a seguir ao clube Exploded Garden?

— Não me está a apetecer. — E, não me estava mesmo a apetecer. Prefiro ficar mais a sós com a Sherry. Mas, já agora...

— Sherry, queres ir?

— És mesmo um bicho-do-mato — interrompe o Johnny.

— Sherry? — repito.

— Talvez não — responde a Sherry.

Entretanto chega os nossos gelados. Não sou um adepto do gelado, mas numa bela e quente noite de verão, cai mesmo bem.

A quadrilha acaba a sua ingestão de vesub, disfarçada como sendo vários alimentos, e vão em direção ao Exploded Garden.

— Boa viagem — respondo às várias despedidas.

— Minha querida Sherry, estamos sozinhos; quero dizer para além dos outros estranhos aqui no restaurante. Quando acabaras o gelado, queres dar uma volta? Um passeio por Gardentown, à noite. Amanhã é sabado, nenhum compromisso temos. Pois não?

— Não, eu não tenho nada. Podemos ir. Eu já acabei o meu gelado.

Sáímos então do Rob... Robsnack. E, antes de abrir o carstel, aconchego a Sherry junto de mim. Sinto a sua respiração, agora forte. Os meus lábios descem ao encontro dos seus, e mesmo antes de fechar os meus olhos, vejo que os dela já estão. Como em estado quase de coma, as nossas bocas são como a única fonte de alimentação, de vida, naquele instante, no vasto espaço, na imensidão do ilimitado tempo.

De repente, uma boca atrevida vinda de um carstel em movimento, quebra o nosso estado de suspensa animação.

— Vamos ao passeio — remato. — Vamos ver Gardentown em ação à noite.

Já dentro do meu Apolo 9.2, vamos circular pelas principais ruas de Gardentown.

— Tomás, de amanhã a quinze dias tenho a grande festa na minha escola. Não sei que queres ir comigo?

— É claro, que vou... Olha para aqueles dois polícias. Parecem andróides. Será que são?

A Sherryl apenas sorri.

Oficialmente nenhum polícia é andróide. Pois as capacidades dos andróides são ainda muito limitadas. Mas, há quem afirme que pelo menos alguns já são, na maneira muito limitada que alguns polícias tratam das situações. E, talvez já seja possível programar andróides para funcionarem e agirem

para as tarefas que um polícia enfrenta, sem o perigo de vida, para um humano. E, já há andróides a funcionarem em muitas outras atividades.

— Olha para como aqueles dois caminham e olham para as pessoas. Se não são máquinas, não sei o que serão.

— Cuidado Tomás, pois eles estão a olhar para nós.

— Tens razão, circulamos demasiado lentos, e, ainda por cima, estamos a observá-los... Vamos sair daqui.

O passeio prossegue com um pouco mais de velocidade, até chegarmos a umas vias, já mais fora do centro, e com as dimensões e perfil ideias para... corridas ilegais que «uns meninos» fazem nos seus carsteis modificados.

— Vieste para aqui, para correr?

— Não. O meu carstel não está modificado. Não tinha a mais pequena hipótese... E, olha que me parece ver um carstel da polícia, ali ao longe. Vem nesta direção. Os carsteis modificados já estão a dispersar.

— E, agora?

— Não te preocupes, Sherry. É só continuar com calma.

Os polícias veem-nos, mas não nos mandam parar, nem a nós, nem a mais ninguém.

— Estás ver minha querida Sherry, nada aconteceu.

A Sherry limita-se a quase sorrir.

— Diz-me lá Sherry, quando daqui a dois anos acabares a escola básica, que pretendes fazer? Estudar mais? Estudar e trabalhar como eu faço? Ou?

— Não sei. Não pensei nisso.

— Gostarias de ir para Luósia?

— Não sei. Não falo português.

— Podes aprender.

— Não sou muito boa a aprender línguas.

Pois é, a Sherry só fala inglês, tal como a esmagadora maioria dos amerlandeses.



Entretanto, estamos na baixa de Gardentown. E, avisto uns seres exóticos. Não são humanos. Longe disso.

— Olha Sherry, ali. Que te parece que são?

— Não sei.

— Quase parecem mongres.

— Se calhar são — ela afirma com alguma apreensão.

— Não devem ser. Aqui em Noro, em Gardentown?

Não devem ser. Até porque estes parecem mais pequenos e magros. Sherry, vou perguntar-lhes o que são.

— Não! Acho que seria perigoso.

— Pois bem, minha querida Sherry, já que estás preocupada, hoje, e só hoje, para teu benefício, não pergunto... Mas, quantos tentáculos cada um tem? Consegues contar?

— Não, nem quero! Dá-me impressão!

— Então... continuamos a nossa viagem.

A baixa já ficou para trás. Agora, vamos em direção da casa dela.

— Sherry, diz-me, para ti, qual é a parte do corpo humano mais erótico? Claro, excetuando as partes óbvias, os... genitais.

— Não sei. Talvez... os lábios?!

— Também concordo, mas é talvez uma resposta demasiada óbvia... E, a seguir aos lábios, qual seria para ti?

— Os seios.

— Pois é claro. Mas de certa maneira (no caso das mulheres especialmente) é quase uma extensão dos órgãos genitais... E a seguir aos seios, qual é?

— Não...sei... São as orelhas.

Ela de facto tem umas orelhas muito queridas. Pequenas, perfeitas, deliciosas e misteriosas. Mal as vejo, cobertas pelo cabelo ondulado dela.

— E para ti? — pergunta a Sherry.

— Não sei.

— Assim não é justo.

— Nunca pensei nisso.

A Sherry sorri.

— Mas, gostaria de saber — remato. — Vais ter que me ajudar a descobrir.

Pouco tempo depois.

— Chegamos! Acompanho-te até à porta.

Saímos os dois do carstel, em direção à porta da casa dos pais dela.

— Tomás, não queres entrar?

Foi aqui, que no passado, disse que não. Não quis avançar mais com a nossa relação, para o patamar seguinte, o passo lógico. Não a quis magoar. Não quis alimentar nela, uma ilusão dos meus sentimentos para com ela, que no passado pelo menos, não tinha. Mas, no fim, acabei por magoá-la ainda mais, talvez.

Até aqui, deixei repetir o que aconteceu à vinte anos atrás. A partir deste momento as nossas memórias serão diferentes.

— Sherry, não te esqueças que os teus pais não estão...

— Eu sei... Entras?

— Sim! — e altero o passado, em memória pelo menos.

Após a Sherry ligar a casa, os dois entramos. A Sherry está claramente diferente, uma mistura entre o nervosismo e a expectativa de uma felicidade. Nunca teve tamanha iniciativa comigo.

— Quero-te mostrar um videot espetacular, que ontem recebi — justifica a Sherry.

Vamos os dois para a sala. Ela liga a aparelhagem, enquanto eu me sento no sofa. Ela senta-se ao meu lado. Estamos os dois sozinhos em casa. A noite ainda é jovem; tal como a Sherry, tal como os seus olhos, as suas lindas janelas meigas a fornecer uma visão do seu fogo interior.

Apesar do calor lá fora, aqui dentro faz a temperatura ideal, e nós, aconchegamo-nos.

O videot até é espectacular, mas a minha atenção vira-se para os pormenores da sua face. Não demora muito até que os meus lábios começam a morder a pele da sua bochecha, de sinal atrás de sinal, que são a constelação da sua face. A seguir o percurso dos meus lábios encontra a sua orelha. Ela suspira e respira mais profundo.

Ela vira-se para mim, e os meus lábios lentamente aterram na humidade dos seus. As nossas línguas seguem o exemplo. As minhas mãos acariciam tudo que podem, desesperadamente à procura de um porto seguro.

Em silêncio colorido, a Sherry pega na minha mão. É o meu guia, para um lugar mágico, o seu quarto. O videot continua, agora em solidão, a funcionar. O seu quarto só o tinha vista uma vez antes, quase de passagem.

Entramos. Paramos junto da cama. Eu começo por tirar a sua blusa, entre os beijos que vão pontuando a parte exposta do seu corpo. Na sua vez, ela faz o mesmo, como obedecendo à minha paixão. E, cada vez mais expostos ficamos, em turnos quentes e suados. Até que, ficamos os dois... nus.

Ela cai sobre a cama, anunciando uma espécie de morte doce. Eu caio sobre ela, protegendo-a de todos os elementos possíveis, do espaço e do tempo. Bebo dos seus olhos castanhos claros.

Continuamos com um beijo, só que agora não são só os nossos lábios que comungam do contacto; os nosso corpos também. Os meus lábios trocam a sua boca pelo seu pescoço, enquanto ela meio suspira, meio geme.

Um tempo finito ou infinito depois, à volta dos seus seios gira o meu consciente. As minhas mãos testam a sua suavidade; os meus lábios não. Os mamilos erguem-se no ar. Ela geme e profere algo...

Eu beijo o seu ventre, notando o ligeiro tom rosa da sua macieza, pele pura. E, em breve chego a zona mágica, pronta a bulir.

Abrindo-a, com toda a leveza possível mordisco-a. Ela quase voa em exclamação. A minha incansável língua começa a brincar com os seus lugares íntimos. Ela segura a sua mão sobre a minha cabeça; e murmura doçuras e loucuras.

Completando o percurso da sua flor, a minha língua desce, lambendo o seu mel.

— Sou virgem — ela avisa.

— Não te preocupes. Serei gentil como uma núven, voraz como o vento.

Subo, ficando por cima dela.

— E se ficar grávida — pergunta por perguntar.

— Não te preocupes. Tomei precauções.

Na verdade não tomei. Não é necessário nesta realidade memorizada.

Gentilmente, aproximo-me dela.

— Haverá uma pequena dor, seguida de muito prazer — preparo a Sherry, beijando-a na boca, sem ela poder responder.

E... penetro-a com uma decisiva quebra da sua cortina de veludo. Ela dá um pequeno «ai»! Eu continuo num ritmo de cada vez mais intenção, consoante ela troca o «ai» de dor por «ah» de prazer.

O tempo para. Vezes sem conta repito de forma desenfreada. Os dois gememos. Abunda os fluidos.

Volto a beijar os seus lábios, enquanto os nossos corpos se confundem. Na minha boca, o seu sabor troca com o meu.

Ela respira alto como numa tentativa de respirar as últimas gotas da felicidade perdida. Eu saboreio os seus lábios. Não devo conseguir aguentar por muito mais em atingir uma explosão de prazer.

— Sherry, vou, vou me... — sem conseguir concluir a frase...

Ela ainda não tinha... Vou resolver, e sair dela, em clara fase de exaustão, com a devida deflação. Beijo a sua boca, antes de repetir o percurso até ao seu botão mágico.

Chego-me a ela, e o meu aroma junto com o aroma dela impregna a zona. Lambo, brinco, chupo, massajo... Ela volta a respirar e gemer mais alto, com cada ação minha sobre a sua flor. Repetir, acariciar, enlouquecer a sua essência.

A Sherry acaba por não demorar muito até, também ela atingir uma outra dimensão sobre a vida, a dimensão do prazer de um orgasmo, que eu saboreio.

De volta aos seus lábios, ela bebe do mesmo leite que adormea a minha boca. E, como magia, renasço, cresço e aproximo-me do arco-iris de mel dela.

Quando entro, ela abre ligeiramente mais os olhos, como a interromper uma coma profunda de prazer. Depressa regressa. A mesma ação repete-se. Agora, eu levanto as suas pernas, criando uma ligação mais profunda. Novamente ela abre mais os olhos, respira mais, geme mais profundo.

Os nossos lábios reencontram-se como pombas perdidas. O calor entre os nossos corpos atinge mais uns degraus acima. O aroma naquele quarto é forte, doce e salgado.

A fúria do nosso vaivém enlouquece-nos...

— AAAAAAHHHH! — a Sherry geme agora muito mais alto. — Eu, EU, EU, EU... — a Sherry tenta completar um pensamento, mas calo-a com beijo profundo na boca.

Desta vez é quase em simultâneo, os dois atingimos um orgasmo, uma loucura, que atravessa o tempo, muitos anos na sua dimensão.

Lentamente, os espasmos de ambos diminuem até haver uma certa normalidade.

Que queria ela dizer?

Para adquirir a obra na totalidade ou simplesmente contactar o autor, pode utilizar a seguinte morada eletrónica:  
adc@mail.optimus.pt

Pode também consultar o sítio do autor em:  
[www.antoniodecampos.eu](http://www.antoniodecampos.eu)

Copyright: © 2013 António de Campos

